

RUA DOS ANJOS

Vítor Burity da Silva



PORTO EDITORA

Rua dos Anjos

Todas as tardes, Serafim dirigia-se à rua dos Anjos e, junto a um velho edifício, sentava-se, esperava o regresso do fim de tarde dos pombos daquela casa, de que a humidade há muito tomara conta.

Escorria pelas paredes como um silêncio sem voz, enquanto as penas secas caíam parede abaixo dos pombos mais velhos, e o sorriso de Serafim enchia a sua alma, que busca apenas o último cigarro no bolso das calças de ganga velha e suja, risca o palito e acende, fuma a dor esquecida de quem nem sabe de quem é filho.

Janeiro, frio, o pombo mais eriçado procura acasalar naquela noite de solidão... Serafim sorri, os dentes estalados entre a dor.

A esperança por um sorriso sincero poderá surgir um dia. Aquela rua e aquele lugar poderão ser uma estação de embarque, quem sabe, ser dali a descoberta do mundo escondido, onde um dia o silêncio irrompeu e

destruiu o que a sua memória perdeu, deixando apenas o reflexo do momento, em cada momento.

O movimento de pessoas é cada vez menor à medida que a noite chega. Caminha lentamente, rua acima, rua abaixo, sem raciocinar sobre que fazer ou porque se movimenta, que mistério ou dor levara de si o que não sabe e no estranho silêncio e solidão o remetera, o escondera da vida, onde tanto lixo e miséria o ocupavam agora numa estrada sem saída, é o seu canto frio.

Enquanto chove, encobre-se numa imaginária pala que, em tempos, ali existiu, observa o céu escondido por trás das nuvens, e pede para que Deus lhe envie um cobertor, uma roupa quente, neste sonho esquecido da sua vida e de coisas que em tempos terão sido algo na sua vida.

Galga rua acima, vira, revira, dobra a esquina, interroga-se, mas onde estará hoje a *roulotte* do café quente de ontem que havia ali tomado, e porque sentia agora vontade de tomar outro e logo ali, como se fosse de novo ontem, no descampado silêncio da rua abandonada, do rolar dos pombos, um táxi de vez em quando se fazia ouvir e, mais abaixo, prostitutas invadiam todos os espaços da rua, onde ainda há pouco nem alminha se sentia por ali, descem lentamente e vão desaparecendo, até saírem mesmo de vista.

Sem saber que horas serão, sem cansaço consciente, talvez, o espaço interior é lentamente esmagado pela

nostalgia que o leva a outros tempos, tempos de que certamente não se lembra mais, mas que talvez fosse menos sozinho, hoje, quase sem abrigo, voluntariamente, encostado a um nada qualquer, escreve poemas numa parede e fuma cigarros já velhos. Não se vê o mar dali. Nem o rio que, em tempos, se escutou, levando militares ao ultramar, ou mesmo mais recentemente, para Cacilhas, Barreiro, por aí, mas que visse ao menos um navio qualquer, pequeno ou grande, enchendo o ar de fumo como a sua mão encardida, perdida numa noite de breu, sem música, sem sonhos, como algo que morria logo ali, num horizonte de paredes envelhecidas e molhadas pela companhia, humidade imensa... mas música, só a cantoria dos pombos enchia por breves momentos a noite.

Desperdiçando-se de si, mergulha no infinito escuro, quase completamente, repleto com o vazio da noite, onde chove e a distância, o peito despido, abre os lábios e boceja, beija a doce água que o céu envia dos lábios dum destino esquecido por alguma nuvem com pressa.

Passada a noite. Entre si e o seu silêncio, a ausência de um tempo e uma história sem sentido, numa mala imaginária de uma vida inteira e sem passado, que futuro?

Apenas este horizonte obscuro será lema. O propósito de tantos sonhos dizimando uma alma que não dorme. É já dia e de novo outra noite virá. Provavelmente, os

mesmos pormenores, muros, paredes, pombos, e que incógnita caminhada?

Carrega no seu interior uma sombra perturbante, uma amnésia terrível, que dor o faz sentir doer, que ferida lhe arderá, mais cigarros vão disfarçando o vazio à frente, e uma solidão enchendo-se de nada... inala o perfume das inconstâncias, da solidão, do seu silêncio de movimentos lentos, gestos de pensador adormecido, círculos que se acendem fingindo luzes, alertando um despertar que não conseguira ainda entender, mais cigarros, os dedos queimados, mas livre e dono da sua caminhada, com a miséria a espalhar-se pelas artérias sinuosas da cidade.

E que turbilhão a sua cabeça. Respondia com ignorância, indiferença, nada o incomodaria, tudo lhe era permitido, ou era como estar num inferno, num mar gelado, soltava saliva cansada e densa, olhava rostos bonitos e delgados corpos que bailavam em suas caminhadas musicais da vida, o ritmo belo de ancas contornadas pelos adereços, o perfume delas fazendo renascer antigos sintomas... estendia a mão e sentia ainda mais o vazio do seu silêncio.

– Sonho um navio vergar-se, uma paz real dizer-me poemas nesta pasmaceira de pó, vento e chuva, neste claustro de plena liberdade, onde todos os movimentos me são permitidos, onde nada me é impossível. Queria

uma doce falésia futurista a irrigar-me os impulsos e a encher-me sem veneno, saciar-me os olhos com as cores luzidias deste sol que talvez invente, quando a lua, por vezes presente, me obriga a procurar o impossível, o que não existe, bem implantado nesta rua de tanta esperança, neste doente silêncio de tantos ruídos, que venha a princesa e me leve, e me ame, e me dê colo, como se fosse um bebé nascido do ventre da rua, assistido pela mísera qualidade do vazio, o entulho de toda a gente por todos os cantos, as tabernas saturadas pelos indígenas da noite, que albergam no seu corpo o álcool quase evaporado de tantas histórias da vida, particularidades vagueantes, e dos que, como eu, preferem olhar, de forma quase fixa e alucinada, os relatos do infinito interiorizados sob a minha pele arrepiada de frio, de medo, de ânsia, felicidade, talvez...

Ao longe, um rosto lindo, talvez, aproxima-se a cada passo, suave e elegante como sombra bela, cada vez mais perto, e quase consigo já ver o seu rosto, a cor dos seus olhos, que não conheço, levanta o rosto e diz-me educadamente: Boa noite, sempre aqui sozinho... – Não estou sozinho (respondo tão delicadamente como ela o fizera), estou com os meus pombos, as minhas ruas, o meu frio e todo este movimento que me alimenta e faz pelo menos sorrir, raras vezes, mas estou com tudo isso bem no interior de mim, algo que faça lembrar de coisas que talvez

tenha vivido um dia, ou tenha esquecido para sempre, como agora, consigo a olhar-me diante de mim, e o privilégio que me concede poder olhá-la nos olhos, poder ouvi-la, sentir a sua voz, e como se dirige a mim, assim tão respeitosa, como se de algo divino se tratasse... qual é mesmo o seu nome, menina? Vive por esta zona? – Não, sou de relativamente longe daqui, vim a subir a rua, espero um táxi, reparei em si, como se movimentava, como falava sozinho, curiosa e, com respeito, aproximei-me, eram belas as palavras que dizia, você é um poeta, senti quando o ouvi, cheguei perto de si... e desejar-lhe uma noite feliz, dentro do possível, pelo menos, mora por aqui, você? – respondeu ela, com uma pergunta também.

– Talvez conseguisse falar-lhe um pouco sobre mim, ou que talvez haja tanto meu que pudesse ser dito, ou mesmo nada até, a não ser o que exactamente me fascina aqui, neste canto, os meus pombos como se fossem meus filhos, a noite, a minha companheira, os lençóis são este vento que vem de muito longe, ou, quem sabe, de muito perto até, eu sou Serafim, tenho trinta e tal anos, e nem dinheiro para cigarros. Mas não devo fumar, faz muito mal, sabia?, dizem os médicos, mas, nesta altura, que mal maior me poderão fazer as coisas más desta vida? – Você parece um homem interessante, mas porque divaga? Em que trabalha? Estudou? Diga-me mais de si, diga, vou adorar ouvi-lo, a sério, vou adorar – insistia ela. – Há